

STELLA AZEVEDO



CLÉO MARTINS



E DAÍ ACONTECEU O ENCANTO

STELLA AZEVEDO
CLÉO MARTINS

Pedimos "agô" aos ancestrais do OPÔ AFONJÁ, para falarmos da Iyá Stella; a Iyá com suas roupas grandes e olhar compreensivo. A Iyá de passos rápidos e decididos.

Quem chega na "Roça", espera pouco para vê-la caminhando, altiva, em direção à "casa de Xangô". Aí vai saindo gente de todo lado; seu rosto se ilumina e responde a cada um: – "Oxalá te abençoe; Oxalá te abençoe..." São crianças, velhos, jovens e mulheres que "quase" ficam à espreita para, cedinho, serem abençoados.

Iyá Stella, Ode Kayode, vive a alegria dos que, com dignidade, guardam a sabedoria ancestral. Diplomada em Saúde Pública, não se perde no pluralismo mecanicista, nem nas respostas provisórias da ciência. Stella é, por certo, uma "Iyá-pessoa"; ser humano que assume a consciência cósmica.

Digna Iyalaxé, a gestora do Opô Afonjá empenha-se em compreender as necessidades básicas dos "filhos", buscando, incansável, harmonizá-los tanto na relação com os Orixás, quanto com a sociedade na qual se vive.

Longe de sua casa, lembramos da Mãe Stella em Nova Iorque, cumprindo a missão de falar para representantes religiosos, "irmãos" de outras terras. Nós a vimos tomando posições rigorosas quanto a força que define os rituais africanos; rituais que sobrevivem, a despeito da degradação imposta pelos colonizadores do "Novo Mundo".

Continuando o caminho, na busca pela integração das diferentes nações de candomblé faz realizar no Axé Opô Afonjá, no ano de 1987, o Primeiro Encontro Nacional com representantes brasileiros da religião dos Orixás. Há pouco tempo esteve na Universidade de São Paulo – "USP", ao lado de representantes de diferentes religiões, afirmando princípios da identidade dos negros brasileiros a partir do candomblé, defendendo-os da infeliz condição de ex-escravos". Luta com as armas que dispõe: sua fé, sua inteligência e sabedoria e, sem dúvida, enorme capacidade mediadora.

Honra-nos falar de Iyá Stella; nossa Iyalorixá guerreira que irradia paz.

Dezembro de 1988.

CARLOS PETROVICH
VANDA MACHADO

STELLA AZEVEDO
CLÉO MARTINS

E DAÍ ACONTECEU O ENCANTO...

AXÉ OPÔ AFONJÁ
Salvador - Bahia - 1988

Copyright by Axé Opô Afonjá
Rua Direta de S. Gonçalo do Retiro, nº 245
Salvador – Bahia – Brasil

Capa: Neuza Maria de Almeida Reis
Supervisão Gráfica: Abilio Cândido de Jesus
Fotografias:
Célia Aguiar
Maria Sampaio
Apoio Cultural:
Correa Ribeiro

Impressão no Brasil
MCMLXXXVIII

IYA OBA BIYI
IYA L'ORISA KI OLORUN FÉ-
MOJUBA AWON OMO RÉ. . .

Às árvores de São Gonçalo
do tempo de Obá Biyi...

Ao nosso "arquivo vivo", gente de Oba Biyi.

A Luíza Marques,
Ledá Wanda Mattos,
Mestre Abílio e
Luís Duílio de Oliveira Martins,

sem os quais o "encanto" não teria acontecido...

Aos queridos Vanda e Petrô,
com todas as letras.

SUMÁRIO

"VÊM AS IYÁS..." 11
APRESENTAÇÃO 13
1 – NASCE EUGÊNIA ANNA 15
2 – AS PARENTAS DE IYÁ NASSÔ 16
3 – NASCE OBA BIYI 17
4 – QUE TEMPOS, AQUELES 20
5 – "HÁ PAU QUE TRAÇA PAU..." 23
6 – O PADRE E A MÃE DE SANTO 25
7 – O CRUZEIRO DE SÃO GONÇALO 27
8 – OS BRINCOS DE OBA BIYI 28
9 – "MINHA MESTRA E SALVADORA..." 30
10 – "VOCÊ SABIA QUE MÃE ANINHA FALA FRANCÊS? 31
11 – A TURMA DO "QUE SE PASSA" FOI ESPIAR... 32
12 – SABIA LER E ESCREVER, SIM SENHOR! 33
13 – "COELHO DA ROCHA 35
14 – COMIDA BAIANA NO SEGUNDO CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO 36
15 – OPÔ AFONJÁ, "UMA CASA CHEIA" 37
16 – ENCONTRO DE NAÇÕES NO OPÔ AFONJÁ 39
17 – AMOR A NATUREZA 40
18 – MÃE DE SANTO DE HOMENS E MULHERES 41
19 – OS INFRATORES SERÃO MULTADOS 42
20 – UMA IAÔ COMO TANTAS OUTRAS 43
21 – "CENTRO CRUZ SANTA DO AXÉ OPÔ AFONJÁ" 45
22 – UMA FRUTA DO "PÉ DO SANTO" 47
23 – O RENASCER DE OBA BIYI 48
NOSSO ARQUIVO VIVO 49
GLOSSÁRIO 51

Assim como no princípio de tudo.

Senhoras da criação de novos espaços; zeladoras das portas de entrada e dos caminhos; guardadoras da sabedoria do Axé.

E vêm as Iyás. . . Elas vêm trazendo a força da vida. ODE KAYODE — Oxossi da alegria, — faz bater os tambores dos Orixás; o terreiro desperta de um sono de meio século, enfeitado de luz.

E vêm vindo as Iyás, inventando, com rosas e vento, brincadeiras com o tempo.

As duas, Stella e Cléo, com um brinquedo de criança, o caleidoscópio, vão colhendo fragmentos de fatos, imagens de um cotidiano antigo, guardadas nos corações dos filhos e filhas do "Afonjá"; nas falas dos mais velhos, nos olhos da memória.

Gira, gira o brinquedo nas mãos das Iyás, como a roda do barracão se move, soprada pelo som dos instrumentos sagrados. Dos fragmentos poéticos das lembranças é reinventada a volta de OBA BIYI. E vem a Iyá. Renascendo. Figura inteiriça, justa e forte como Xangô; Orixá, Rei a quem serviu toda a vida e para o qual criou o Axé Opô Afonjá. . . E vem OBA BIYI, exemplo de luta e resistência na defesa e construção da identidade religiosa dos negros na Bahia, no Brasil.

Stella e Cléo parecem querer nos dizer o mistério do ser humano, encanto que faz de cada pessoa convicta a alegria dos Orixás; Orixá que vive a vida de seus filhos, dando-lhes o sentido de viver.

E vem chegando OBA BIYI para as crianças de ontem e de agora; as crianças de hoje irão reconhecê-la no mesmo momento que a encontrarem nos olhos de cada irmão do Ilê Axé Opô Afonjá.

Sua benção, OBA BIYI!

Sua benção, ODE KAYODE!

Sua benção, OYA AKORO MI LONAN!

CARLOS PETROVICH
VANDA MACHADO

Numa noite dessas, após o encerramento do ciclo anual das festas aqui do Axé, eu e a Cléo conversávamos sobre o tempo.

E o tempo passa... Mil novecentos e oitenta e oito chegou ao fim. Relembramos que, neste ano, faz meio século que Mãe Aninha, fundadora desta Casa, deixou o Ayê.

— "Como seria o tempo de Oba Biyi? Como era aquela mulher?" —; imediatamente recordei-me do retrato na Casa de Xangô, juntamente a outros, igualmente, de saudosas memórias... Rostos de outros tempos...

— "Precisamos fazer algo; nós, deste Axé Opô Afonjá de Dona Eugênia Anna; por mais que trabalhemos, que lutemos, enfim, nada há a ser comparado com a obra de "Mãe Aninha"; ela, de tantos ideais e mil idéias. Precisamos fazer algo; uma biografia?"

Muito se tem escrito sobre a velha Iyalorixá. Pesquisadores ilustres, a exemplo de Donald Pierson, Edson Carneiro, nosso Vivaldo Costa Lima, escreveram sobre Oba Biyi. Pessoas que tiveram vivências com a Mãe de Santo. O que escrever? O tempo passa, implacável; não nos espera, vai em frente, seguindo seu caminho. O que faremos?

O tempo resolveu a questão, abrindo a janela como que por encanto, trazendo-nos o cheiro da noite baiana, com todo seu perfume; fragância de mato molhado, de muitas árvores de tempo de Oba Biyi. Obtivemos a resposta; levantaremos episódios e notícias sobre a Iyalorixá; os arquivos são vivos e, infelizmente, vão se acabando... Não nos preocuparemos com a precisão científica das informações rece-

bidas. Firmamos um compromisso com as árvores de São Gonçalo, fruto do amor plantado no Axé, no tempo de Eugenia Anna dos Santos.

Maria Stella de Azevedo Santos
ODE KAYODE

Axé Opô Afonjá, dezembro de 1988.

1

NASCE EUGENIA ANNA

Os atabaques dobravam para o senhor da guerra e caminhos naquela segunda metade do ano de 1869:

"OGUN ONIRÊ, ONIRÊ OGUN;

AKORÔ ONIRÊ, AGBEDÉ ORUN..."

Anió, nascido africano e batizado nestas águas longínquas pelo nome de Sérgio, olhava, com orgulho, para a cria da mulher recém-parida.

Azambrió, a mãe, — jovem, acostumada a muito trabalho pesado, deixava o pensamento fluir, voltado todinho, naquela hora vitoriosa, à terra dos pais. A filha seria livre, teria nome de senhora: Eugenia Anna, e poderia viver liberdade; rir, chorar, dançar, cantar, amar... Trabalharia para si, possuiria muitas roupas, jóias, morada, terras para semear; ah, sua criança seria protegida por Iyá, a dona de todas as águas do mundo... Gritaria para todos, sim, que era sangue real, filha de um poderoso senhor; Eugenia Anna, nome de princesa, de gente livre.

Na noite do dia 14 de julho o galo cantou fora da hora. Forte, alvissareiro. Ouviu-se o som do trovão, terrível, anunciado pelos raios; uma coroa de vagalumes envolvia a mãe, iluminada pelo poder da criação.

E a chuva lavou a terra do sítio baiano; águas molhando a mulher, o companheiro e a criança, fruto de liberdade.

Anió, a envolver a filha, dançava, dançava ao som de tambores guerreiros, no rítmo do vento. Que a chuva batizasse a Terra; a madrinha foi a esperança.

O tempo passou, arrebatado pelo caleidoscópio mágico.

Sérgio e Azambrió encantaram-se, transformando-se na luta de uma gente que faz a História, cria raízes, reencontra sua identidade.

2

AS PARENTAS DE IYÁ NASSÔ

Aninha brincava com crianças da mesma idade; corria "picula", jogava pedras, liderava folguedos; gostava de ouvir "tia" Ofiran, a velha de outras terras, contando histórias de príncipes, princesas, rainhas e reis; livres, belos, poderosos, da cor de ébano. Em especial deliciava-se com a lenda do Homem-Rei transformado em Orixá; punha fogo pela boca, tinha três rainhas; comia muito aquela comida chamada amalá.

Um dia o Rei lhe apareceu num sonho. Como era forte! Usava roupas de guerreiro, feitas com pele de animais selvagens. O Senhor, falando a mesma língua de Ofiran, ordenava-lhe que construísse uma grande casa, com muitas árvores, pássaros, plantas; com tamanho o bastante para abrigar muita gente — o povo real. Deu-lhe uma pedra de raio; — "Não tenha medo" — sussurrou-lhe.

A criança contou o sonho à africana.

Esta, olhando para o alto de uma forma incompreensível a Aninha, disse-lhe que "aquilo era chamado, destino, sangue; algo que tinha mesmo que acontecer".

Convidou-a para um passeio na Casa das parentas de Iyá Nassô.

E assim foi...

Naquela Quarta-feira do mês de março seguiram, juntas, ao encontro do Destino. Pela primeira vez a jovem Eugenia Anna viu alguém muito importante: Mãe Marcelina, OBÁ TOSSI, ela também sangue real, filha do Rei de Oyó.

Consultaram-se babalaôs; jogou-se o "opelê-Ifá"; búzios; formava-se o pacto de Morte e Vida, de renascimento.

3

NASCE OBA BIYI

O caleidoscópio mágico encarregou-se de todo o resto; uma Aninha já adolescente, após o tempo de aprendizado, foi iniciada por "tia" Marcelina nos mistérios do candomblé, retornando às terras ancestrais.

Filha do poderoso Senhor — "Kabiecile" —, que no dia da festa de seu nascimento religioso deu, a todos, bem alto, o seu nome: — OBA BIYI (o rei nascido nesta terra).

Um caminho de conquistas e muitas lutas estava traçado para esta filha de cativos; ela que aguardasse o sinal dos tempos.

Morreu Oba Tossi ("Olorun fé").

O povo do candomblé de Salvador da Bahia cobriu-se de luto pela Mãe de Santo, conhecida por resistências contra maus tratos policiais e profanações feitas em seu Terreiro; Iyá Marcelina confiara os segredos do "Ilê" e da religião à jovem iniciada Aninha; melhor do que ninguém conhecia os caminhos da filha de santo.

Deixara aos cuidados de Aninha a iniciação de Paula, filha de Oxun; esta foi "feita" por Oba Biyi.

Aninha não esperava aquilo... nada sabia do futuro... Obedeceu à ordem da Iyalorixá, exercendo, assim, pela primeira vez, os difíceis misteres de Iniciadora.

A partir do dia da feitura de Paula, Oba Tossi passou a chamar a filha, meio séria, meio divertida, de "Minha Mãe"... Aninha levava tudo por conta da amizade devotada pela Mãe de Santo. Esta lhe dizia: — "O candomblé é porta de entrada; quem está fora, não entra, quem está dentro não sai..." Mandava à filha de santo que se acostumasse à idéia de ser "Mãe", o que aconteceria dentro em breve.

A vida mostraria a Eugenia Anna toda sabedoria de Oba Tossi; os temores da novata seriam amenizados pelo tempo e experiência.

Jogaram-se os búzios novamente, após o período de

"fechamento do Terreiro" pelo desaparecimento de Mãe Marcelina. Como nova Iyá foi apontada Maria Júlia Fígueiredo, Oxum Ominiqué; era o tempo das Águas.

Ao ser proclamado o nome, deu-se início a uma guerra: muitos apoiaram a decisão dos Encantados, outros, não; queriam "outra" Maria Júlia; Maria Júlia Conceição Nazaré.

Esta, e um grupo dissidente, composto de irmãs de santo e simpatizantes, deixaram o Axé Iyá Nassô, vindo a fundar o "Candomblé do Gantois".

O caleidoscópio girava, girava, formando desenhos. Aninha, presente no terreiro, participando dos rituais mais secretos e em contato com a Mãe de Santo, adquiria maturidade, sabedoria e segurança.

Oxun Ominiqué deixou esta vida, rumo à Eternidade. Sucedeu-a Mãe Sussu, auxiliada pela cada vez mais experiente Oba Biyi. Esta, além de dedicar-se à religião ancestral, também era conhecida como negociante. Possuia pequena quitanda de revenda de produtos africanos, tais como obi, orobô e outros. Podia contribuir para festas e rituais com o produto de seus ganhos, oferecendo a Xangô o melhor que havia na época em matéria de tecidos para a confecção de vestes do Orixá, animais, bebidas e o que necessário fosse.

O tempo leva desta vida Mãe Sussu, estabelecendo-se o jogo da sucessão. Oba Biyi, diziam os membros da Comunidade Religiosa, deveria ser a Mãe de Santo; ora, se já era, de fato e de direito, desde a época de tia Marcelina...

— "Há de ser Oba Biyi" — afirmou Mãe Bada — Olufã Deyi —, também ela filha de africanos, anciã de grande saber.

— "Se não for Aninha, saio do Terreiro" — disse tio Joaquim, Oba Sanyá —, ele próprio Senhor de Casa dedicada ao Culto dos Orixás, no "Camarão". Irmãs de santo, a exemplo de Teófila, Fortunata "Ode Jidê", Fulô de Yemanjá,

apoiavam os dizeres do velho tio; — "Se Anna é de Xangô, um Xangô tão guerreiro, por que não há de ser, agora, nossa Mãe?! — Já era da vontade de "minha Mãe" Marcelina!..."

Oba Biyi ouvia sem nada dizer; quando alguém entusiasmado pelas crenças e confiança lhe tocava no assunto, não discutia. Cruzava as mãos, fechava os olhos — "Tudo depende da vontade de quem pode mais do que eu... Xangô e Ogun hão de me mostrar o caminho..."

Na tarde na qual jogar-se-iam os búzios para indicação da sucessora, Aninha, cansada, dormiu e teve um sonho. Sonhou com o guerreiro moço, vestido com panos rubros, a relembrar-lhe o sonho contado a Ofiran. Tudo seria arranjado no devido tempo; tivesse fé, muita fé. Ele, o Rei, queria terras novas, gente nova, sangue novo; outras paisagens e veredas. Oba Biyi, auxiliada por Oxalá, deveria partir imediatamente; Asiwaju abrir-lhe-ia os caminhos. Muitos seriam os seguidores, por amor e confiança. Nada de guerras ou inimizades; nada de ambição e teimosia. Apenas chamamento, vocação; estrada por terra, mar e ar.

Ela não haveria de esquecer a Casa de Iyá Nassô, sua gente; que guardasse todas as lembranças enterradas no coração. Era hora, dia. O fruto amadurecera. Era o momento.

Despertou com o vento a assoprar-lhe o rosto. Sentia-se disposta, confiante, cheia de luz.

Espreguiçando-se, ajeitou as roupas.

Reuniu discípulos e mestres, o que tinha de mais precioso e caro, aquilo que o dinheiro não paga; ganhou a estrada, rumo à Vida. Era livre e forte; filha do Rei; jovem; mulher de seu tempo, com pés no presente e olhos no amanhã.

Não mais existia Aninha. Daquele momento de resignação nascia Iyá Obá Biyi.

4

QUE TEMPOS, AQUELES!

Os primeiros tempos de vida nova foram passados no Bairro do Camarão, em casa de tio Joaquim — inseparável parente espiritual e amigo de Mãe Aninha. Mas Xangô queria a sua Casa, espaço próprio.

A obediente filha de Afonjá adquiriu uma roça no bairro de Amaralina, à Rua Santa Cruz.

Que tempos aqueles! Tudo difícil, a despeito da necessidade de sobrevivência e fé; sobrevivência não só física, como de valores de todo um povo sofrido, sujeito a constantes repressões.

Havia total ausência de recursos; dificuldade de transporte, falta de água e condições básicas de vida. Quando chovia, fazia lama; as pessoas tinham mesmo é que procurar residência em lugares de fácil acesso.

Mãe Aninha, apesar de possuir as referidas terras, residia "na Cidade", à Rua dos Capitães; era mais prático, próximo da barraca no Mercado Modelo — responsável por sua manutenção e de muitos que a cercavam.

À Rua dos Capitães foi iniciada, pela Iyalorixá, a moça Rosalina de Oxalá, de notável beleza. Em 1903, residente à Rua Corriachito, Oba Biyi "fêz o santo" de Salú, de Ayrá, e Maria das Dores, de Oxossi. Mudou-se, em 1907, para uma casa na Ladeira da Praça, local de iniciação de Maria Bibiana do Espírito Santo (Oxun Muiwa); igualmente rainha, a esta filha de Oxum também seria reservado um longo caminho a percorrer, na qualidade de sucessora da Mãe de Santo.

Outras muitas pessoas foram "feitas" pela Iyalorixá; a roça de Santa Cruz, embora plena de axé, era insuficiente, inadequada. "Rei é rei"; Mãe Aninha, mulher séria, compenetrada, de fala macia, era filha de Xangô.

Por sua garra, vontade, espírito de luta e resistência, adquiriu um grande terreno em São Gonçalo do Retiro, em

1909; inaugurou, no ano seguinte, o "Ilé Axé Opô Afonjá", com festa dedicada a Xangô.

Ganhara sabedoria e experiência no Terreiro de Iyá Nassô. Auxiliada por pessoas fiéis, a exemplo de Obá Sanyá, o tío Joaquim, a Iyalorixá pensava. Refletia sobre a religião, sua gente, seu destino. Os pais eram africanos "gruncis".

A Iyalorixá fôra iniciada por "nagôs", sendo de culto iorubá "dono de sua cabeça". Entretanto, devia dar continuidade, por compromisso de filiação, ao culto dos Orixás gruncis, tal qual Anió e Azambrió. Dedicou, na Roça de São Gonçalo, um espaço para a louvação de Entidades da referida terra. Construiu uma casa para Iyá, Orixá das Águas, correspondente a Yemanjá "nagô", — havendo, no interior desse espaço sagrado, uma fonte em homenagem à Senhora. Recinto de singular formosura; nem todos tinham acesso a este local. Além de Iyá outros Orixás "gruncis" possuiam culto diferenciado, residindo na mencionada habitação.

A formação do Axé Opô Afonjá, em seus primórdios, foi auxiliada, também, pelo grande líder do mundo dos candomblés: Martinfano Eliseu do Bonfim, conhecedor profundo da língua e gramática iorubá; muito respeitado por personalidades da época, a exemplo de Nina Rodrigues, de quem foi colaborador. Era chamado "Professor Martiniano do Bonfim".

Residiu muitos anos na Nigéria; — fôra para lá aos catorze anos, por determinação paterna; retornou à Bahia próximo dos trinta anos.

Mae Aninha e Martiniano do Bonfim recriaram, no "Opô Afonjá", um culto a Xangô aos moldes originais de Oyó; assim, introduziram o corpo de "Doze Obás", os Ministros do Rei, "que têm o poder de condenação e absolvição..."

Não falaremos sobre os Obás de forma detalhada, em vista da existência de muitos ilustres escritos a respeito. Res-

saltemos, contudo, que os mesmos tinham direito a voto e poder de decisão em tudo que se diz respeito à parte civil do Candomblé.

Iya Obá Biyi tinha orgulho de possuir "corpo tão ilustre em seu Terreiro"; — "Obás existem em Oyó e no Axé Opô Afonjá" — dizia...

Além da Casa de Iyá, muitas outras foram erguidas. Cada Orixá possuia espaço próprio para seu culto, recriando-se assim em São Gonçalo, "réplicas de regiões africanas".

A Casa de Xangô, é claro, era o lugar de destaque, seguida pela "casa grande", nome atribuido ao espaço dedicado a Oxalá, bela construção ao seu tempo; a casa de Omolú foi feita com "alicerce em círculo" e coberta de "sapé"; e "Ilê Odé", casa do Caçador, em homenagem a Oxossi — ("okê") — ficava dentro do mato, segundo os costumes de "ketu". Rodeada de nativos, próxima à casa de Oxossi, levantou-se o "Ilê Ogun", a Casa do Guerreiro — (Ogun, êl).

As "ayabás" eram cultuadas na "casa grande".

Oxun recebeu espaço próprio para um culto diferenciado.

Iyá Aninha somou à experiência adquirida no "Engenho Velho" — (nome posteriormente atribuído ao Axé Iyá Nassô), uma capacidade toda especial de criação e espírito de pesquisa; de busca às próprias raízes.

5

— "HÁ PAU QUE TRAÇA PAU..."

Vinte e nove de junho de 1912.

O Candomblé de São Gonçalo parecia uma verdadeira colméia, dado o "entra e sai" de gente na arrumação do "barracão"; cortava-se papel, para a confecção de bandeirinhas vermelhas e brancas, varria-se o chão, apanhavam-se folhas, cadeiras eram dispostas segundo a hierarquia dos donos; mulheres agitadas, na cozinha, preparavam as iguarias rituais; outras, incumbiam-se da arrumação das próprias roupas e, mais importante, das vestimentas dos principais convidados — os Orixás.

Visitantes chegavam de toda parte para a festa; queriam ver Mãe Aninha, serem abençoados, beijar-lhe as mãos.

Habitualmente Mãe Aninha não era lá de muita conversa; naquele dia encontrava-se mais reticente que nunca, falando somente o indispensável. Ordenou a Senhora de Oxun a remoção dos assentamentos dos Orixás, de suas respectivas casas; auxiliadas por Fortunata, deveria escondê-los no mato fechado, junto às moitas de "peregun".

Senhora e Fortunata entreolharam-se. Mas que fazer? Ordens são ordens... Seguiram à risca a determinação.

Começou a festa. Horas tantas, o homenageado principal já chegara —, ouviu-se um tropel de cavalos; era a polícia que, a mando do "Homem", vinha acabar com aquela manifestação de negros, "coisa de gente ignorante, primitiva..."

Xangô dançava tranquilamente.

No melhor da dança, determinou a um Ogã que lhe trouxesse três rolos de linha: uma preta, uma vermelha e uma branca. Entoando cantigas, desenrolou os novelos, um a um.

O barulho das patas dos animais estava mais e mais perto; sentia-se o cheiro dos cavalos. Filhas de santo entravam em pânico, pensando no pior: surra dos policiais, atabaques furados, saias rasgadas.

Aconteceu o encanto; os soldados se embrenharam mato a dentro e "nada de conseguirem achar o barracão do candomblé"; continuou a festança, com atabaques e fogos, comidas, bastante aruá e muita alegria.

No dia seguinte, Mãe Aninha ficou sabendo o ocorrido. Explicou às filhas de santo a ordem exótica de transferência dos Orixás; tivera o pressentimento de que a polícia iria armar alguma "presepada". Para que fossem evitados estragos, tomou a atitude de determinar a remoção dos assentamentos, até tudo se normalizar. O melhor lugar era a moita de nativos.

Percebia, feliz que fora precipitada. Nada aconteceu; — "Há pau que traça pau..."

Ria-se muito, imaginando a raiva e decepção de "seu" Pedrito.



CASAS DE OMOLU E OXALÁ

6

O PADRE E A MÃE DE SANTO

O pessoal do Candomblé mantinha estreitos laços de amizade e "intimidade" com a Igreja Católica, Mãe Aninha não era exceção. Frequentemente havia missas em São Gonçalo; principalmente no dia de seu aniversário.

A Iyalorixá pertenceu ativamente aos quadros de várias "Irmandades Religiosas", tendo sido priora da "Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte".

Foi uma das pioneiras da Festa da Lavagem do Bonfim"; àquela época, no tempo de Oba Biyi, lavava-se a igreja "por dentro e por fora".

Vestida de branco, com uma completa "roupa de baiana", acompanhada de algumas filhas de santo, escolhidas a dedo, dirigia-se para a "colina sagrada", levando água, perfume, flores, vassouras. Ela mesma varria a igreja, dizendo tal mister ser "uma honra e privilégio".

Muitos participantes das festividades, reconhecendo Mãe Aninha, ajoelhados pediam-lhe que molhasse suas cabeças, o que fazia com graça e simpatia.

Um dia quente, de janeiro, Padre José, velho amigo, visitou a Iyalorixá.

Após beber o mingau de milho de sua predileção, tirando os sapatos o sacerdote meio desgostoso, passou a dissertar sobre a importância e dificuldade da vida religiosa; ingratidões sofridas, solidão, carências.

A dona da casa, demonstrando compreensão, confessou ao amigo que, ela mesma, "sofria de iguais problemas"... No sacerdócio, nem tudo são flores..."

Mãe Aninha percebeu o esboço de um sorriso, no padre, abafado pela mão; os olhos, entretanto, traiam-lhe o estado de espírito; (ele não a considerava, "de fato", sacerdotisa, apesar da amizade e respeito).

"Tia Aninha, a senhora é uma mulher caridosa, boa cristã; contribue muito para as obras pias; pertence a várias

Instituições de Caridade; é priora da Ordem de Nossa Senhora da Boa Morte! Mas, em nome do Senhor lhe peço; não blasfeme!... O sacerdote tem que ser ordenado pelo Santo Papa para que tenha autoridade espiritual e possa ser chamado "sacerdote"... Caso contrário é pecado; verdadeiro sacrilégio! (e persignou-se).

Ela não discutiu. Limitou-se a sorrir, como que dizendo que o amigo cometera uma traquinagem. Perguntou-lhe, de forma "mansa e pacífica", se Moisés, o grande profeta e chefe de todo um povo, fora ordenado pelo Santo Padre de Roma...

O padre deu uma gargalhada gostosa; chegou a engasgar, embasbacado com a argúcia de Mãe Aninha, mulher de rara inteligência e lucidez.

7

O CRUZEIRO DE SÃO GONÇALO

O Axé Opô Afonjá deu uma grande festa no dia da inauguração do Cruzeiro dedicado a Oxalá, bento pelo Bispo.

De manhãzinha formou-se a procissão de filhos de santo, amigos, acólitos, os quais, vestindo roupas brancas — as "filhas" usando "saias de crioula" —, partiram para a Igreja do Cabula, onde seria realizado o "ato de entronização".

Organizaram-se carroças enfeitadas; Senhorazinha de Oxum e Thomazia de Aganju, "abiãs", portavam estandartes com emblemas do Axé; muitos levavam flores, velas, incenso.

A Iyalorixá seguia à frente do séquito, de carro; para chegarem à igreja, passavam por uma verdadeira floresta de tamarineiros.

Ao retornarem para a Casa do Candomblé ouviram Missa de Ação de Graças, com a presença de autoridades civis, descando-se o Governador da Bahia.

Após o término das homenagens religiosas e discursos, serviu-se uma grande feijoada, regada a cerveja, cachaça, sucos e, mais importante, "a samba".

8

OS BRINCOS DE OBA BIYI

A Iyalorixá de São Gonçalo criara uma Casa de Candomblé a qual, além dos misteres religiosos, tinha por objetivo dar abrigo aos filhos de santo menos favorecidos.

Mãe Aninha costumava dizer a sua "irmã carnal" Andreza, que criara a Roça para Xangô e seus filhos de santo. Ela era passageira; o "Axé", não.

Muitas famílias construíram residências no terreno da "Roça"; não só famílias, aliás, como, também, pessoas sós e desamparadas. Oba Biyi doou-lhes espaços para que edificassem suas casas.

Filhos de santo em dificuldades financeiras eram discretamente socorridos pela Iyalorixá.

Uma ocasião, na feira, Mãe Aninha encontrou-se com uma filha de santo que, há muito, deixara de ir ao Axé a fim de cumprir as obrigações. Feliz, ao revê-la, conhecendo o bom caráter da "iaô", uma filha de Oyá, indagou-lhe o motivo da ausência. Esta, chorando muito, queixou-se de dificuldades financeiras; o marido perdera o emprego; ela, vendedora de acarajé, não possuia mais dinheiro para a compra do material da "vendagem"; as crianças, quase já não tinham o que comer... Como ir ao "Axé", se não podia pagar o transporte? Fora à feira, confessava, para ver se catava algumas frutas ou verduras postas fora, para dar de comer aos filhos.

A velha agiu como de costume; fêz uma grande compra destinada à filha de santo e família; poderia vender o acarajé e, assim, equilibrar-se.

Ao pagar o português da barraca de cereais, conhecido pela "casquinhagem", notou insuficiência de dinheiro; saíra de casa desprevenida.

O comerciante conhecia Mãe Aninha; era seu "freguês"; mas não vendia fiado nem ao próprio pai; "óra, pá; não havia jeito"...

A Iyalorixá tirou das orelhas os brincos, de ouro maciço, depositando-os no balcão; — "que o cavalheiro fizesse o favor de liberar as compras mediante a guarda da jóia; assim que chegasse ao Terreiro, mandaria portador com a importância devida. Ela, Oba Biyi, confiava nas pessoas de bem; certamente as argolas lhe seriam restituídas..."

O português, envergonhadíssimo, pediu mil desculpas à senhora. (Ele mesmo faria publicidade deste episódio passado com a Mãe de Santo do Axé Opô Afonjá)!..

9

"MINHA MESTRA E SALVADORA..."

Desesperado, sem ter mais com quem contar, envergonhado de sua situação precária, o esposo de uma filha de santo de Yemanjá procurou "a sogra".

Vítima de difamações vís, perdera o lugar de estivador nas Docas; não tinha nem mais um tostão; devia muitos meses de aluguel. Nada mais havia a fazer; pensava em acabar com a vida.

— "Os fracos é que querem tal coisa; um dia, se está no alto; dia seguinte, vem o tropeção, e o mundo vem abaixo"; como é triste gente moça sem fé, que só vem ao "pé do santo" na tristeza..." — disse-lhe Oba Biyi, a qual não suportava covardia e falta de espírito de luta. Mas o homem era marido de sua "filha"; gente sua, portanto.

Foi ao "mealheiro de Xangô". O Orixá recebera, como dívida de gratidão, dinheiro suficiente para uma roupa cara, soberba. Era tudo o que Oba Biyi tinha, no momento, dentro de casa.

A Iyalorixá "pegou os búzios" e consultou o Senhor da Justiça; veio o "julgado", favorável ao homem em desespero. O dinheiro foi entregue ao "genro" dinheiro suficiente para a aquisição de um jegue de transporte e início de um novo negócio; Xangô, compreensivo, esperaria pela roupa nova.

O homem retornou ao lar, radiante. Menos de um mês depois entregava à Mãe de Santo o dobro da importância recebida; muito mais que o suficiente para a compra de um "traje real"... (ao longo de sua vida referir-se-ia à Iyalorixá como sua Mestra e salvadora; "mais amigo é quem ensina a pescar, que aquele que dá o peixe"...).

10

— "VOCÊ SABIA QUE MÃE ANINHA FALA FRANCÊS?"

— "Minha avó Aninha fala francês; minha avó Aninha fala francês..."

O menino Antonio, posteriormente Obá Kankanfô, saiu anunciando à toda Roça a descoberta "espetacular": a Mãe de Santo sabia francês...

Antonio "não entendia nada"; estava sonhando?

Ao entrar na Casa de Xangô, naquela Quinta-feira, fim de outuno, presenciou uma cena bizarra: "sua avó Aninha", usando um vestido elegante, "pince-nez" e sapatos de salto, de pernas cruzadas conversava, em francês, com um grupo de "um bocado de padres"!

Tomavam chocolate — (que vontade) —, beberagem muito usada na época pelas pessoas bem educadas —; comiam "bolacha Maria", aquela "da lata", e palravam, alegremente, na língua de "La Fontaine"... (Os padres eram missionários belgas em "missão" pela Bahia).

Por muito tempo, outro não foi o assunto em São Gonçalo: — "Ei, você sabe que Mãe Aninha fala francês?"...

11

– A TURMA DO "QUE SE PASSA" FOI ESPIAR...

A Iyalorixá gostava de passear, a pé, pelo Pelourinho. Parou, horrorizada, ao ver dois homens carregando, na cabeça, um caixão de defuntos, com defunto dentro e tudo!

Pediu-lhes, firmemente, que arriassem a fúnebre carga e fossem arranjar mais homens para a distribuição do peso. Que estavam esperando? Não se importassem, não; pagaria o preço exigido para o transporte do finado.

Cena tão peculiar faz com que a turma do "que se passa" vá espiar. Mãe Aninha aproveitou a presença dos curiosos para fazer preleção sobre morte e vida; "a cabeça devia ser tratada com todo o respeito; não foi feita para carregar a morte, mas, sim, para a vida..."

Os carregadores retornaram com mais dois companheiros; um deles quis dinheiro pela tarefa. A Iyá não discutiu, pagou o preço exigido. Os demais transportadores impressionados seguiram o caminho; "quem seria aquela desconhecida, que pagara por um defunto que não era seu?!"...

Dias mais tarde, um homem procurou Mãe Aninha no "Axé"—(descobrira a identidade da senhora).

Vinha devolver o dinheiro; envergonhara-se de sua "usura". Que os Orixás lhe perdoassem a ganância..." Mas, sabe como é, os tempos eram difíceis, né?"

A Iyalorixá aconselhou o "arrependido" a dizer missas pela alma do falecido; que fosse em paz!

12

SABIA LER E ESCREVER, SIM SENHOR!

Mãe Aninha conheceu muita gente em sua barraca de "produtos africanos" no Mercado Modelo.

Gente de todo tipo: brancos, pretos, mestiços; homens e mulheres; pesquisadores, políticos; pobres e ricos. Escritores e estudiosos procuravam a descendente de africanos; senhora vaidosa, muito bem arrumada, com seu cordão de ouro no pescoço; alta, esbelta, interessante.

Sabia ler e escrever, sim senhor! Quem escreveu que era analfabeta, ou era preconceituoso, não pesquisou direito, ou quem sabe, foi infeliz na escolha do "intérprete"... Há provas escritas de sua condição de alfabetizada, possuidora de boa caligrafia...

Muitos escritores tornaram-se amigos pessoais de Oba Biyi, (um privilégio), amigos e protegidos, a exemplo de Edson Carneiro e Jorge Amado.

A Iyalorixá, boa ouvinte, "não deitava conversa fora"; lia o que lhe caia às mãos; não dispensava a leitura do "noticiário", para saber o que se passava por aí...

Dado seu carisma, políticos e cidadãos de fama começaram a frequentar o "Axé" — (daí a presença de autoridades, a exemplo do Governador da Bahia, por ocasião da "Festa do Cruzeiro").

Mãe Aninha, no princípio de sua vida religiosa, teve seus "bocados" de repressão; lembremo-nos do episódio da Festa de Xangô. Com o passar do tempo — (crescia sua fama) —, não só era respeitada, como amiga pessoal dos outrora "repressores". Preocupava-se com a liberdade do culto de forma ampla. Uma prova disto foi a viagem ao Rio à procura de Getúlio Vargas, para que houvesse "liberação da prática do Candomblé".

A História prova que a viagem de Oba Biyi foi um sucesso, tendo em vista a obtenção de Decreto, no sentido de liberdade da religião.

Alguns políticos obtiveram asilo no Axé Opô Afonjá, a exemplo de Edson Carneiro o qual, tendo sido refugiado na Casa de Oxum, ficou aos cuidados de Senhora, então Ossi-Dagã do Terreiro (viria ser Iyalorixá, anos após) —; esta trazia-lhe alimentos, preparava-lhe o banho e demais atenções necessárias.

Vê-se a força de caráter da Mãe de Santo que repudiava qualquer tipo de violência.

13

"COELHO DA ROCHA"

A Iyalorixá gostava de viajar.

Realizou várias viagens ao Rio de Janeiro, numa época de difíceis travessias marítimas.

Fundou, em terras cariocas, a filial do Terreiro de São Gonçalo; "o nome tinha de ser o mesmo": Axé Opô Afonjá.

Situado em Coelho da Rocha, subúrbio do Rio, a Casa destinava-se ao atendimento da grande clientela local de Mãe Aninha além de espaço sagrado para realização de festas, iniciações e tudo o mais.

Durante as ausências de Oba Biyi o Candomblé de Salvador ficava, por determinação da Iyalorixá, aos cuidados de Fortunata, Mãe Bada, Senhora.

Agripina Souza, filha de Aganju, era a responsável por "Coelho da Rocha".

Mãe Aninha levou as divisas da religião a outras terras; sabia que seu tempo por este mundo era breve; mulher de visão, tinha ciência da imortalidade e importância de seu trabalho, este, sim, eterno.

14

COMIDA BAIANA NO SEGUNDO CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO

Em 1936 realizou-se, em Salvador, o Segundo Congresso Afro-Brasileiro. Grande acontecimento, contou com a presença de especialistas de renome.

Presente no evento, Mãe Aninha impressionou os estudiosos pelas idéias defendidas com segurança e personalidade.

Verifica-se a importância histórica da sacerdotisa, pioneira por abrir caminhos, destruir barreiras construir uma religião respeitada.

A pedido dos organizadores do Congresso, apresentou, por escrito, singelo relatório sobre a culinária do Candomblé, declinando o nome de cada comida. O trabalho integrou os anais do Congresso.

Oba Biyi recebeu os participantes do grande acontecimento em São Gonçalo, oferecendo-lhes grande recepção, com danças rituais, toques e guloseimas típicas da Bahia.

Escritores registraram em suas obras a participação ativa de Mãe Aninha no Segundo Congresso, destacando o caráter e força da Iyalorixá do "Axé".

15

OPÔ AFONJÁ, "UMA CASA CHEIA"

Iya Aninha organizava, com capricho, as festas do Terreiro; determinava as compras a serem feitas fiscalizando os elementos adquiridos, um a um: — "para o Orixá se dá o melhor; tudo tem de ser perfeito".

Comandava a arrumação do barracão, casas e quartos de Santo. Pensava mais na beleza das vestimentas de suas filhas de santo do que propriamente nas suas, embora fosse conhecida como "uma baiana muito bem arrumada".

Nas festas de Xangô e Oxossi, em especial, comprava tecidos com as cores dos referidos Orixás e os distribuía entre "iaôs", "ebomes", "abiãs"; queria o barracão colorido, tudo muito alegre, ao agrado do "dono" da festa.

As roupas das filhas eram "conferidas" pelas "mais velhas", por ordem da Mãe de Santo; ai de quem estivesse com anágua mal passada, "sem roda", deselegante; não podia participar da festa; — "pelo jeito do barracão se vê logo o resto do Terreiro" — dizia; — "Gosto de ver minhas filhas formosas, perfumadas..."

Era considerada a protetora dos desvalidos. Pessoas necessitadas a procuravam e, não raro, além de atendidas e orientadas, retornavam às casas, "com o dinheiro da condução" e alimentos.

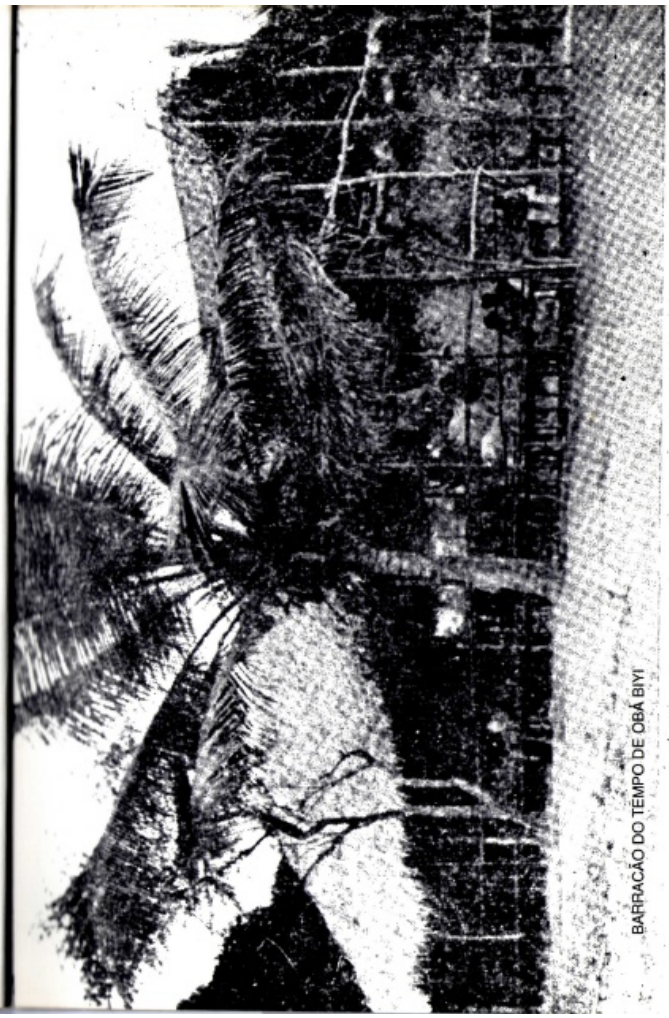
Nem todas filhas de santo tinham possibilidade de patrocinarem as próprias obrigações de Orixá. A Iyalorixá — a depender do caráter da filha — arcava com as despesas para a realização dos rituais religiosos.

Tornou-se famosa pela hospitalidade reinante em sua Casa; lá o viajante teria um teto para repousar a cabeça, comida e água.

É de sua autoria o "Hino do Axé Opô Afonjá":

"Opô Afonjá lá ewa;
Opô Afonjá lá ewa
Ka la se opo,
Afonja ka ja bo,
ka ja ko" ("Venha ao Opô Afonjá... aqui se come animais machos e fêmeas").

Existem muitos outros cânticos compostos pela Mãe de Santo Oba Biyi.



BARRACÃO DO TEMPO DE OBÁ BIYI

Barracão usado para cerimônias do culto afro-brasileiro.

16

ENCONTRO DE NAÇÕES NO OPÔ AFONJÁ

Mãe Aninha acreditava na união do "Povo do Candomblé".

Recebia, com todas as honras, em sua Casa, Babalorixás e Iyalorixás; "Dotés" e "Donés"; "Tatas Quimbanda" e "Nenguas Inkiciane". Os convidados, a pedido da Matriarca, louvavam seus Orixás, Voduns e Inkices, no Terreiro de São Gonçalo.

"Tata Bernardino", do "Bate Folha", ("Mansu Banduquenqué") — era assíduo frequentador das festas do Opô Afonjá; dançava e cantava louvando os Santos de Angola, nação alegre, de muita beleza e simpatia.

"Tata Ludiamungongo", "seu" Ciriaco, do "Tumba Junçara", costumava assistir às festividades do Candomblé de Mãe Aninha. Isto porque o "Tata Quimbanda", filho de "siá" Maria Neném, era muito amigo e compadre de "tia" Bada.

A anciã iniciara no Terreiro de Ciriaco, (à época localizado no Beiru, posteriormente transferido para a Vila América), dois iaôs no rito "nagô": Edgar de Iansã e Carmelita, ("Xaguí"), de Oxalá.

Iyá Aninha gostava de receber.

Mandou fazer uma enorme esteira, (Fortunata executou a ordem), para o repouso dos convidados. Muitas vezes o candomblé terminava antes do horário do "primeiro transporte".

Mas quem disse que o povo queria dormir, se existe tanto samba de roda para ser "puxado", até a hora do ônibus? A festa continuava. . .

17

AMOR A NATUREZA

Ela amava cada árvore de São Gonçalo.

Conversava com elas, todas as manhãs, em iorubá. Ensinava a seu povo, em especial às crianças, a importância das plantas. Tinham sentimento, sabiam amar e odiar; eram amigas dos seus amigos e implacáveis com pessoas de mau coração: — "Não se tira uma folha seca da árvore, sem precisão; é o mesmo que matar uma pessoa. Alguém gosta de perder um braço, um olho, um pé? Por que arranca uma flor e joga fora? O candomblé é natureza viva; Não há culto a Orixá sem terra, mato, rio, céu, trovão, raio, vento, mar. . .

Tudo isso tem "dono"; para se colher plantas, tem hora certa; não é quando a gente quer, mas quando Ossain consente . . . porisso que muita gente se estraga".

Mãe Aninha amava os animais; alimentáva-os, dava-lhes carinho; aos pássaros dedicava especial devoção nasceram para a liberdade. Saudava, todas as manhãs, o pássaro okinin, consagrado a Xangô.

Não admitia que uma cobra fosse abatida em terras de São Gonçalo sem necessidade: — "Violência a Natureza é violência ao Orixá".

Detestava falta de asseio, ou limpeza mal feita. Se o chão não estivesse limpo conforme seus padrões, "suspendia as saias longas", deixando os pés a mostra" — o que muito desconcertava as filhas de santo.

Gostava de pisar na terra, descalça; era ótimo para a saúde, fonte de energia.

Recolhia-se cedo e, habitualmente, levantava-se antes do amanhecer, na hora mágica; saudava o dia e, após os rituais, iniciava a jornada de trabalho.

18

MÃE DE SANTO DE HOMENS E MULHERES!

O candomblé é religião como as outras, portadora de segredos e mistérios que não se revelam, sob pena da perda do encanto; do mágico, do belo.

A Iyalorixá, conhecedora da natureza humana, tinha as suas cautelas. . .

Iniciou filhas e filhos de santo; não possuía preconceitos, nem "conceitos infundados". . .

Costumava dizer ao povo do "Axé":

— "Um segredo de nossa seita na boca de quem não tem escrúpulos, ou a língua fora da boca, é muito perigoso, tanto para quem conta, quanto para quem ouve. . . às vezes só de se escutar, a gente se compromete. . . ensina quem pode, aprende quem é inteligente, todos têm seu lugar no Axé; a Casa de Xangô não é trancada, tem porta aberta. . .

Os "de sua confiança" eram escolhidos a dedo; Mãe Aninha não gostava de muita conversa — "Há quem confunda intimidade com ousadia. . ."

Trocava idéia com "gente sua". Mas há sempre momentos de solidão necessária. Nas horas críticas, de difíceis decisões, trancava-se na "Casa de Iyá", quem sabe a procura do calor de Azambrió.

19

OS INFRATORES SERÃO MULTADOS...

"De hoje em diante, quem chamar uns aos outros pelo nome de batismo, vai pagar multa pesada. Todos têm "orukós", "oiês", querem cadeira bonita no barracão e que lhes tomem a benção... Mas na hora do tratamento é "Fortunata", "Cantu", "Almerinda"... Não entendem nada, mesmo; só o que vale é a cadeira bonita no barracão... Para que receberam nomes africanos (os "orukós" e "oiês") —, se não os adotam no coração?"

Dito e feito; os infratores foram multados... (as multas eram, em geral, correspondentes ao valor dos animais; uma cabra, um bode, um galo,— a serem oferecidos por ocasião das festividades).

Iyá Oba Biyi distribuiu os seguintes "oiês" a membros da Comunidade — (sempre levando em conta os "caminhos" de cada filho; tempo de iniciação, caráter, "Orixá dono da cabeça) —: Ondina de Oxalá, foi designada "Iya-kekerê", (mãe pequena); Silvana, "Iya morô".

Cantulina — (atualmente Iyalorixá de "Coelho da Roça") — foi agraciada com o cargo de "Iya egbe"; Senhora de Oxum — (seria a futura Iyalorixá, após Mãe Bada) — foi escolhida como "ossi-dagã"; Maria era "otun-dagã" e Fortunata de Oxossi (o braço direito da Iyalorixá, junto com Mãe Bada), — "dagã".

Vevelha era a "olopondá"; Pinguinho de Oxum — voz belíssima — (é a atual Iya-kekerê) — só poderia ser a "ogã-lá"; Noêmia — motivos idênticos — foi apontada por Mãe Aninha como "Otun-ogã-lá". Didi, filho de Senhora de Oxum, recebeu dois "oiês": — "kowe-kowe" e assobá.

Alberto Lobo era "gince"; o chefe dos "alabés", Prezideu — aliás, desde a Ladeira da Praça. "Sobaloju" foi o último "oiê" atribuído a alguém, por Mãe Aninha.



CRIANÇAS DO AXÉ-ÔPO-AFONJÁ

20

UMA IAÔ COMO TANTAS OUTRAS...

"— Minha mãe eu conheço! É a nega Chiquinha do Beco do Sabão; não vou lavar nada camisa de Mãe de Santo... muito menos despejar pinico; prefiro tomar porrada que fazer coisa que num vai com minha natureza! Só porque fêz minha cabeça, acha que sou o quê?! Escravidão já acabou... eu mesma não alcancei; tô muito acostumada a comer meu bolo de pirão sozinha..."

A "iaô" de Oxum falava e falava — (em altos brados) —, junto ao "pé de Iroko". Irmãs de santo presentes, do mesmo "barco" — (eram recém-iniciadas) —, não estavam gostando nada, nada, de tanta valentia; coragem tamanha, só porque não tinha "ebome" presente. Falar pelas costas, ou era medo, ou respeito.

A "feita" de Oxum prosseguia a lenga lenga:

— "Eu tô cheia de ter que trabalhar tanto aqui dentro; por mim, mesmo... nunca faltou nada pra gente em casa de mãe; de pedra de sal ao feijão... Só porque sou de Oxum tenho que ficar estragando a mão na água o dia inteiro, é? Tô cheia de tomar a benção a estas "mocotona" daqui; não nasci pra andar me abaixando. Trabalhei em casa de gente de qualidade, na Rua da Graça e ninguém me mandou despejar pinico..."

Como por encanto, Mãe Aninha, de "pince-nez" e braços cruzados, surgiu à frente do grupo de iaôs. As ouvintes, com cara de — "é agora que o atori entra em ação", esperavam pela surra, que não aconteceu.

— "Iaô de Oxum; quando o sol esfriar, desça para o quarto de Xangô."...

A Iyalorixá estava no lugar combinado. A filha de santo, murcha, de olhos vermelhos, abaixou-se para tomar-lhe a benção. Mãe Aninha abençoou-a.

— "Estou envergonhada de mim mesma, iaô; errei como Mãe de Santo e Mãe de Santo não pode errar; confiei na

educação que você recebeu de mim e de seus "mais velhos", no sistema desta Casa como escola; estou decepcionada comigo mesma, com vontade de me dar uma surra com cipó caboclo..."

A filha de santo chorava convulsivamente; esperara uma cena, uma surra, ser até posta para fora do "Axé"; não acontecera nada daquilo; ao contrário, a Iyalorixá — (que falava tão baixo que não se ouvia) — dizia que o erro fora "dela!...

Prostrou-se aos pés de Mãe Aninha, pedindo perdão — "Eu é quem devo ser perdoada pela minha incompetência; falhei em sua educação..." — dizia Oba Biyi, a imagem da serenidade.

A filha de santo transformou-se; a partir da lição recebida passou a ser um modelo de comportamento. Afinal, ela era do Axé Opô Afonjá, filha de Mãe Aninha.

21

"CENTRO CRUZ SANTA DO AXÉ OPÔ AFONJÁ"

Mãe Aninha sorria feliz, naquele dia 8 de novembro de 1936.

Finalmente, após lutas de anos sem fim, assentava-se a ata da sessão inaugural do "Centro Cruz Santa do Axé Opô Afonjá".

Foram eleitos os seguintes membros do Terreiro, para comporem o quadro diretivo: Arkhelau Pompílio de Abreu, presidente; João da Silva Freire, vice-presidente; Tibúrcio Roque Muniz, primeiro secretário; Miguel de Sant'Anna, tesoureiro.

Criara-se uma sociedade civil para dirigir os destinos do Axé Opô Afonjá; fato peculiar é que a sessão inaugural teve lugar num dia de festa de Oxum, conforme registro no termo de abertura.

Oba Biyi, aproveitando a oportunidade solene, tomou a palavra e fêz discurso de comparação entre o Candomblé e Igreja Católica; — "o respeito é o mesmo; não há razão para tanta rinha entre as duas religiões".

Discutia-se, também, a necessidade de fundos para a construção do novo barracão — (o original já "não dava"). Tirando do peito sua corrente de ouro, a Iyalorixá, rezando aos Encantados, em língua nagô, para que a associação tivesse pleno sucesso, doou a jóia; (o que tinha de mais precioso) — "seria mais útil se o produto de sua venda revertesse para os cofres do "Centro Cruz Santa".

— "Sei que posso partir desta vida com serenidade; o Axé Opô Afonjá continuará em frente, conduzido por gente de responsabilidade, em defesa da religião africana".

Emocionada, escreveu seu nome abaixo da assinatura do presidente Arkhelau P. de Abreu.

Assim era Mãe Aninha; preocupada com sua obra, sua gente, seu povo; mulher de fé.

Naquele fim de ano, (1936), notou tristeza profunda no rosto da jovem "abiã" de Omolu, filha de um dos membros da sociedade . Estranhando o fato (a menina era tão alegre), chamou-a à presença; a filha de santo cursava o segundo ano da "Escola Normal"; breve, seria professora.

A "abiã" desatou a chorar; não poderia, ano que vem, concluir os estudos. O pai, homem de poucos recursos, nada podia fazer; impossível, a formatura.

Mãe Aninha indignou-se: — "Como, uma sua "neta" (era, também, filha de filho de santo) — interromper o curso de professora? Não, enquanto ela, Oba Biyi, tivesse vida e saúde! Uma família que sempre tudo fizera para que as filhas estudassem? — De jeito nenhum...!"

Tomou a questão "a peito". Conversou longamente com o pai da normalista e assumiu a responsabilidade do custeio dos estudos da "abiã".

E o tempo passou...

A educadora veterana — (muito bem sucedida na profissão) — enxuga lágrimas toda vez que lhe perguntam quem foi Oba Biyi.

22

UMA FRUTA DO "PÉ DO SANTO"

Vinte e cinco de dezembro de 1937.

D. Archanja de Azevedo Fernandes foi passar o Natal com a "Madrinha Mãe de Santo", levando consigo o esposo e três sobrinhas — (filhas de criação).

A Iyalorixá prezava muito Dona "Menininha", como era conhecida a visitante. Como prova de consideração, estima e confiança, deu-lhe o "oiê" de "Sobaloju", naquele dia festivo, com abertura de "champagne", discursos e abraços de confraternização.

Perto das despedidas, conversa vai, conversa vem, a "Sobaloju" chegou ao assunto de que a "sobrinha do meio" estava muito estranha, rebelde, indisciplinada; não queria assunto com ninguém; se não gostava da pessoa — (que lhe dirigia a palavra) — fechava os olhos e nada de abrí-los... ia muito mal na escola... O dia não era próprio para isto, mas, quem sabe, a madrinha marcaria uma consulta; acertou-se o retorno de tia e sobrinha para princípios de janeiro.

Mãe Aninha chamou a "menina do meio", Stella, e lhe deu uma fruta "do pé do Santo". (Importante salientar-se que no dia 8 de dezembro eram oferecidas todas "as frutas do tempo" ao Orixá, o mesmo acontecendo no dia de Natal; as frutas seriam repartidas entre os membros da Comunidade).

A garota de doze anos aceitou a maçã sem coragem de devorá-la. Isso porque ao lhe entregar a fruta, Mãe Aninha olhou-a de uma forma profunda, estranha, interessante, como de quem olha longe.

Stella nunca mais viu Oba Biyi; não pôde acontecer o encontro marcado. (A menina, iniciada no ano seguinte por Senhora de Oxum, levaria, em suas lembranças, aquele olhar da fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá).

23

O RENASCER DE OBA BIYI

— "Levem-me para a Casa de Iyá" — ordenou a Iyalorixá, muito doente, naquele dia 3 de janeiro de 1938.

Chegou ao local determinado amparada pelos filhos de santo.

Sentando-se numa cadeira arranjada às pressas, cerrou os olhos.

O caleidoscópio encantado formava, vertiginosamente, desenhos; sorrisos de Anió, cheiro doce de Azambrió, histórias de Ofiran, fala arrastada de Oxun Ominiqué, Obá Sanyá incentivava-a; chegara a hora do "ochê" de Xangô seguir o Caminho, sempre, sempre, sempre... por todos os tempos, em terra, mar e ar... ouviam-se sons de atabaques e cantigas de ninado.

O caleidoscópio rodava rápido e rápido; Aninha viu o grupo de crianças negras, brancas, mestiças, brincando de roda... a jovem professora orientava as lições e o vento balançava as folhas das árvores de São Gonçalo.

Uma escola? Como estava diferente a Casa de Xangô; quantos retratos na parede! A cadeira de balanço era da Iyalorixá... era aquela a Rua Velha? O pé de Iroko e Apaoká... Azambrió estendia-lhe os braços, iluminando a Casa da Senhora de Todas as Águas; deveria seguir em frente, transformar-se; não se volta para trás, no caminho do Conhecimento.

O vento abriu a janela: eparrei Oyá, Mãe dos Nove Céus ; raios clareavam o dia, formando desenhos de espadas.

O caleidoscópio parou de girar. E daí aconteceu o encanto... Era uma, duas, três, mil rosas; muitas rosas, de diferentes cheiros, matizes, procedências; as descendentes de Oba Biyi; crias de sua crença, resistência e coragem.

"OBA KOSSÔ"... (O Rei não morreu).

Axé Opô Afonjá, dezembro de 1988.

1) ANTÔNIO ALBERICO DE SANT'ANNA — "Oba Kankanfô" — discípulo de Martiniano Eliseu do Bonfim, recebeu o título de "Obá" bastante jovem. Filho de Miguel de Sant' Anna — (Obá Aré) — é o decano do Corpo de Obás.

2) CANTULINA PACHECO, ou "Mãe Cantu"; atual Iyalorixá de Coelho da Rocha, foi iniciada por Mãe Aninha em 1936. Neta de "tio" Joaquim, o "Obá Sanyá", recebeu o "orukó" de Ayrá Tolá. Nasceu em Salvador da Bahia, no ano de 1900.

3) EUTRÓPIA MARIA DE CASTRO — "Mãe Pinguinho"; é a decana de toda a família do Axé Opô Afonjá. Iniciada por Mãe Aninha também em 1936, exerce, atualmente, o cargo de Iya-kekerê no Terreiro de São Gonçalo.

4) AMÉRICA ÁUREA MUNIZ, Iji Lara, foi iniciada por Oba Biyi. É filha do saudoso Tiburcio Muniz, Ogã Okan Logun, secretário fundador da Sociedade Civil.

5) ANTONINA DOS SANTOS — "Ebome Senhorazinha de Oxum"; foi iniciada por MÃE BADA, em 1938. Fora "abiã" de Mãe Aninha, com a qual conviveu intensamente, desde o ano de 1903.

6) JOANNA EVANGELISTA DA CONCEIÇÃO, nossa querida "Joana Voga", presença marcante nos Candomblés da Bahia. Filha de Santo de Tata Ciriaco, do "Tumba Junçara", é NENGUA JAMINAJÔ. Iniciou muitos filhos de santo, não só em seu Terreiro (Ginguê-Junçara), como em diversas localidades do Brasil. Foi amiga e admiradora de Mãe Aninha.

"NSE UN"

Abiã — noviça, iniciante.
Afonjá — "qualidade" de Xangô.
Aganjú — idem.
Agbede — qualidade de Ogun.
Akorô — um dos atributos dados a Ogun.
Amalá — guisado feito com quiabos; comida de Xangô.
Anió — nome próprio.
Apaoká — árvore sagrada.
Asiwaju — o que abre caminhos.
Assentamento — ritual de iniciação.
Atori — cipó extraído de um arbusto.
Ayabá — Rainha.
Ayê — Terra.
Ayrá — qualidade de Xangô.
Ayrá Tolá — nome próprio de uma iniciada de Xangô.
Axé — roça, terreiro, nome dado à comunidade de Candomblé; "Assim seja".
Azambrió — nome próprio.
Babá — Pai; mestre.
Baba ewe — Mestre responsável pelas folhas.
Babalaô — responsável pelo jogo de Ifá.
Bada — cargo religioso.
Barracão — local onde são realizadas as festas públicas; o "salão".
Barco de iaô — conjunto de iniciados numa mesma, ou próxima, ocasião.
Dagã — cargo religioso — (dagã, otun-dagã, ossi-dagã).
Encantado — Orixá.
Eparrei — saudação a Iansã.
Feita — iniciada.
Feita de Santo — "idem".
Yemanjá — Orixá das águas.
Ifá — Orixá da adivinhação.

Ilê — casa.
Inkice — Nome de Entidade na nação de Angola.
Iorubá — língua africana — (Nigéria, v.g.); idioma adotado em rezas, cânticos e diálogos nos Terreiros Nagôs, a exemplo do "Axé Opô Afonjá".
Iyá — mãe.
Iyalorixá — "mãe de santo"; posto máximo numa Comunidade Religiosa de origem nagô.
Iya Nassô — nome do Terreiro Engenho Velho — ("Casa Branca"); cargo atribuído a certa sacerdotisa de Xangô.
Kabiecile — Saudação de Xangô.
Ketu — localidade africana, onde há culto especial a Oxossi, "sinônimo" p.s., de "candomblés de rito nagô".
Kowe kowe — cargo religioso.
Mansu Banduquenqué — nome do "Terreiro Bate Folhas", de origem bantu.
"Mais velho" — o mais antigo na iniciação imediata; o que foi iniciado primeiro.
Mocotona — (gíria) — mulher antiga no candomblé; aquela que ocupa altos postos na hierarquia.
Nagô — "mesmo que iorubá"; língua iorubá, cultura iorubá.
Nengua Inquiciane — posto máximo feminino numa Comunidade Religiosa bantu; "Mãe de Santo".
OBA BIYI — Nome religioso de Mãe Aninha.
Obá de Xangô — Ministro de Xangô.
Obá Sanyá — nome religioso de "tio Joaquim", um iniciado de Xangô.
Ode — Orixá da Caça; atributo de Oxossi; caçador.
Odé Jidê — nome de Fortunata, uma iniciada de Oxossi.
Ofiran — nome próprio.
Ogã — cargo religioso masculino, nos Terreiros Nagô.
Ogun-é — (Ogunhê) — saudação de Ogun.
Ogã-la — cargo religioso; a cantora.

Oke — saudação de Oxossi.
Olopondá — cargo religioso.
Olorun fé — (Deus a quis).
Oloxun — tratamento dado aos filhos de Oxum.
Omolu — Orixá.
Onirê — qualidade de Ogun; Senhor de Irê.
Opelê — (opele Ifá) — um jogo de adivinhação.
Orixá — Nome de Entidades na nação nagô.
Orukó — nome.
Oxaguiã — Orixá; qualidade de Oxalá.
Oxum — Orixá das águas.
Oyá — Orixá da guerra; senhora dos mortos.
Oiê — cargo; posto.
Oyó — cidade nigeriana; terra de Xangô.
Tata — posto máximo masculino num terreiro de candomblé banto; "Pai de Santo".
Axé — Terreiro; Roça.
Tumba Junçara — nome de uma Comunidade de Candomblé de origem bantu.
Vodun — Nome de Entidades na nação jêje.
Xangô — Orixá senhor da Justiça.

Terminou-se de imprimir este livro aos 20 dias do mês de dezembro de 1988 nas oficinas gráficas da Graf e Cor, à Ladeira da Praça, 10 - Sub-Loja – Salvador/Bahia.

Tel. 241-4448

300,00

Pedimos "agô" aos ancestrais do Ilê Axé Opô Afonjá para falarmos de OYA AKORO MI LONAN.

Este é o "orukó" de Cleofe de Oliveira Martins, "Iyá Cleo", – como é chamada a paulista-baiana, "filha de Ogun e Iansã"...

Advogada formada pelo Largo de São Francisco e pós-graduada em Direito do Trabalho pela mesma Escola; é destas pessoas que vivem e interpretam seu viver de modo concreto, real. Assumindo sua consciência histórica, Cléo busca romper barreiras quando se trata de defender a verdade, esteja esta verdade no "Ayê" ou "Orun".

A jovem Iyalorixá tem suas raízes no "Opô Afonjá".

Foi iniciada por CARMELITA LUCIANA PINTO, filha de Santo de MÃE BADA, (Bada Olufã Deyi) e Ciriaco.

Procurada por nós, Mãe Stella afirmou que algumas das motivações que a encorajaram a convidar Iyá Cléo para co-autoria do livro foram a vitalidade que Cléo demonstra na compreensão da missão dos encargos religiosos.

A capacidade de discussão e crítica de Iyá Cléo contrasta profundamente com a serenidade de Mãe Stella. A unidade se restabelece, entretanto, quando a compreensão gira e acontece em torno da serenidade com que as duas falam sobre "coisas de Axé". Paulistana, filha do jornalista ITABORAÍ MARTINS, Cléo considera Stella também sua mãe e mestra, conforme ela mesma nos afirmou.

No momento a Iyá está residindo no Axé Opô Afonjá e, sob a orientação de Mãe Stella, participa ativamente de muitas "obrigações. "O livro é fruto de longas conversas entre mestra e discípula, após obrigações deste ano de 1988.

Iyá Cléo, quando em São Paulo, além de zelar de seu próprio "Axé", "Ilê Axé Asiwaju omô Oguiã", divide o tempo no exercício da advocacia, junto com o irmão Luís Duílio, e na produção de artigos para jornais, enfocando, principalmente, a cultura Afro-brasileira.

CARLOS PETROVICH
VANDA MACHADO